
Mobilização social e Relações Públicas: a comunicação da Marcha das Mulheres Negras no Instagram e a formação de redes comunitárias.¹

Rayssa dos Santos Figueiredo SANTANA²

Sabrina Silva dos SANTOS³

Márcia GUENA⁴

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA.

Resumo

Este trabalho traz os resultados preliminares de uma pesquisa exploratória sobre o Instagram da Marcha das Mulheres Negras 2025 (@marchadasmulheresnegras2025), entre janeiro e junho de 2025, para compreender as estratégias de comunicação digital e Relações Públicas utilizadas na articulação de redes comunitárias e no engajamento nacional. A análise se fundamenta em conceitos de comunicação estratégica, Relações Públicas, midiativismo, interseccionalidade, feminismos negros e organização de movimentos liderados por mulheres negras, visando evidenciar uma comunicação antirracista, feminista e coletiva, centrada na produção simbólica e política dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVES: relações públicas; midiativismo; articulação política; comunicação antirracista; marcha das mulheres negras.

INTRODUÇÃO

A Marcha das Mulheres Negras (MMN) é um movimento que teve início em 2015 com a Primeira Marcha Nacional, que ocorreu em Brasília, contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver. O evento reuniu mais de 100 mil mulheres negras de todo o país impactando e definindo os rumos de organizações políticas das mulheres negras no Brasil e na América Latina.

Mulheres negras representam 28% da população brasileira (IBGE, 2023) e, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), são 64% das vítimas de estupro, recebem 44% menos que homens brancos e cerca de 40% vivem abaixo da linha da pobreza, contra

¹ Trabalho apresentado na IJ7 - Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 9º Semestre do Curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: rayssasantanasocial@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 9º Semestre do Curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: sabrinasilvafrs.48@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Multimeios, de Relações Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: marciaguena@gmail.com

15% das mulheres brancas. Após uma década de lutas e mobilizações em diferentes esferas, em novembro de 2025, acontecerá a Segunda Marcha Nacional das Mulheres Negras pela Reparação e Bem Viver, reafirmando o legado histórico de resistência e o compromisso com a construção de um futuro pautado no enfrentamento às desigualdades (História da Marcha das Mulheres Negras, 2015).

A reparação reivindicada pelo movimento ultrapassa o simples reconhecimento das injustiças herdadas do colonialismo. Ela exige a implementação de ações concretas, políticas públicas, que enfrentam as disparidades raciais e sociais, garantindo condições reais de acesso a oportunidades para a população negra. E o Bem Viver, conceito oriundo dos povos indígenas da América Latina, propõe uma perspectiva alternativa da sociedade, onde o cuidado, a coletividade e a harmonia com a natureza sejam valores centrais, assegurando que todas as comunidades possam prosperar com dignidade (Março de Lutas, 2025, p.1).

Assim, a partir dos pressupostos da MNN, nos ancoramos nos fundamentos teóricos sobre feminismos negros, interseccionalidade e midiativismos e no olhar das Relações Públicas, para evidenciar o papel estratégico da comunicação digital para destaque da Marcha na mobilização e articulação política.

1. Os Feminismos Negros

Os Feminismos Negros são a expressão que identifica a mobilização de mulheres engajadas tanto em pautas de igualdade de gênero quanto na luta antirracista. De acordo com Lélia Gonzalez, “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial” (Gonzalez 1984, p.226), deste modo, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista não revela questões para além do sexismo e identidade de gênero, como as pautas sobre opressão de classes e raça. Por consequência, de acordo com Sueli Carneiro (2023), o feminismo tradicional se torna inapto em “teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais” (Carneiro, 2023, p. 118).

Diversas mulheres negras desempenharam um papel fundamental, ao longo da história da diáspora africana, na elaboração das críticas das mulheres negras aos feminismos dominantes, desde figuras como Sojourner Truth e Ida B. Wells-Barnett até autoras que hoje possuem reconhecimento internacional, como Angela Davis, Patricia Hill Collins, Bell Hooks

e Audre Lorde (Assis, 2019, p. 16). No Brasil se destaca a preeminência histórica das mulheres negras desde a “sua chegada forçada pela escravização e na tentativa por sobrevivência [...] é inegável a contribuição de Luiza Mahin, Zeferina, Maria Felipa, Dandara, Mãe Menininha do Gantois e tantas outras que construíram a trajetória de resistência do povo negro no Brasil.” (Assis, 2019, p. 28).

Fotalecida no final dos anos 1970, a pauta das mulheres negras foi decisiva para evidenciar as questões raciais e de gênero dentro do movimento negro, que antes percebia a discriminação como igualmente vivida por homens e mulheres. Aos poucos, as mulheres ampliaram sua presença, produziram conhecimento e conquistaram espaços de liderança e participação política, com destaque para Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes e Jurema Werneck (González, 2020, p. 148).

Para a MMN é central a ideia de que corpos de mulheres negras que sofrem cotidianamente diversas formas de opressão, não podem continuar no silêncio e na invisibilidade assim como pauta os feminismos negros em todo mundo.

2. Interseccionalidade

Cunhado pela jurista intelectual afro-americana Kimberlé Crenshaw (2002), a partir de discussões em grupos sociológicos e o movimento feminista multirracial, a teoria interseccional (ou interseccionalidade), constitui uma referência teórica e prática nas ciências sociais, especialmente nas pesquisas de gênero, tanto no campo conceitual quanto na ação política, integrante da pauta das mulheres negras e da MMN.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

Patricia Hill Collins (2020), uma das autoras precursoras do conceito acorda que a interseccionalidade investiga como:

[...] as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade,

etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS, 2020, p.16).

Como destaca Akotirene (2019), o termo que se popularizou rapidamente entre a militância brasileira, é utilizado para compreender a sobreposição de identidade biológica, sociais e culturais relacionadas à opressão, injustiça e desigualdade.

A Marcha das Mulheres Negras

Conforme destaca Naiara Leite, em entrevista publicada pela Fundação Assessoria e Estudos Rurais FASE (2025), a MMN é fruto de um processo histórico de mobilização e articulação que ocorre há mais de uma década, tendo como marco simbólico a mobilização de 2015. A realização da II Marcha Nacional das Mulheres Negras, marcada para o dia 25 de novembro de 2025, em Brasília, reafirmou esse marco. Segundo a convocatória oficial da 2ª Marcha Nacional das Mulheres Negras:

Mais de 100 mil mulheres negras do Brasil marcharam em 2015 contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver – um processo histórico que impactou e definiu os rumos da organização política das mulheres negras no Brasil e na América Latina. [...] No dia 25 de novembro de 2025, estaremos em marcha novamente, carregando o legado do que veio antes de nós e projetando um futuro onde a Reparação e o Bem Viver sejam realidade para todas, todos e todes. (MARCHA DAS MULHERES NEGRAS, 2024)

A Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) reúne hoje 45 organizações brasileiras, que tem realizado mobilizações a nível nacional e internacional, a exemplo participação na Comissão da ONU sobre o Estatuto da Mulher, e pressão junto a deputadas e ministras de Estado para garantir o apoio à marcha, além da forte atuação nas redes sociais (Marcha das Mulheres Negras, 2015)."

Nos dias 19 e 20 de maio, o Comitê Nacional da Marcha realizou em Brasília um planejamento estratégico de comunicação, com participação de 35 organizações para estruturar as ações de comunicação, marcado por uma forte atividade nas redes sociais, de acordo com notícia publicada no Fundo Baobá (2025), uma iniciativa que aponta para a centralidade da comunicação na organização da MMN.

A MMN 2025 traz dois conceitos fundamentais: o de Reparação e o de Bem Viver. Segundo postagem no perfil da Marcha no Instagram (@marchadasmulheresnegras2025) o conceito de Reparação representa o reconhecer de que a escravidão, o racismo e o sexismo criaram desigualdades que ainda perduram; trata-se da restituição de terras, direitos e

oportunidades negadas; e na urgência de criação de políticas públicas, indenizações e acesso à educação, saúde e moradia digna, afim de subverter as estruturas que oprimem as mulheres negras diariamente. Enquanto o Bem Viver refere-se a uma visão alternativa de sociedade, em que o cuidado, o senso coletivo e a integração com a natureza sejam princípios fundamentais, garantindo que todas as comunidades possam se desenvolver com dignidade.

Como explica Naiara Leite, integrante do Comitê Impulsor Nacional, em entrevista concedida a Isabelle Rodrigues (2025), “a marcha também responde a um cenário internacional marcado pelo crescimento do conservadorismo e do racismo, o que torna ainda mais urgente repensar que tipo de reparação a população negra brasileira deseja e precisa disputar no presente.”

3. Midiativismo e Relações Públicas

O Midiativismo trata-se desse movimento social de comunicação independente que cria espaços nas agendas públicas, produzindo conteúdos com críticas, destoantes as apresentadas na mídia hegemônica, cumprindo o papel de inserção de pautas políticas minorizadas e marginalizadas (Freitas, 2018). As principais características da mídia independente e ativista incluem: a) democracia e respeito à diversidade de vozes para garantir participação cidadã; b) representatividade; c) participação ativa na gestão, planejamento e produção de conteúdo; d) autonomia; e) conteúdos alinhados à comunidade; f) fortalecimento dos direitos e deveres cidadãos visando uma sociedade livre, justa e igualitária (Peruzzo, 2008, p. 4).

A expansão da internet e das redes sociais foi de extrema importância para o impulsionamento da comunicação independente e do midiativismo. Porém essa inserção precisa ser olhada criticamente em função da concentração das BigtheCs nas mãos de grupos estrangeiros do norte global, o que tem gerado controle e diversas formas de exclusão, como o racismo algorítmico. O conceito de “racismo algoritmo” trazido por Tarcízio Silva (2022), ressalta que as implicações de um mundo formado pelo privilégio branco favorece a “ordenação racializada de conhecimento, recursos, espaços e violência em detrimento de grupos não-brancos”. Portanto, para além dos aspectos técnicos das linhas de código, falamos sobre “a promoção e implementação acríticas de tecnologias digitais que favorecem a reprodução dos desenhos de poder e opressão que já estão em vigor. (Silva, 2023)

Embora a comunicação online não alcance a totalidade da população, cerca de 12% dos brasileiros ainda não têm pleno acesso às redes sociais, segundo o IBGE (2023), e exija ações complementares off-line, as redes sociais tornaram-se, sobretudo no pós-pandemia, fundamentais para a militância, o que se reflete também na Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver. A criação de web comunidades nas redes sociais, de forma autônoma e com parte dos serviços gratuitos, facilitou a mobilização de grupos feministas negros, com destaque para portais jornalísticos como “Nós, Mulheres da Periferia” e “Blogueiras Negras”, que difundem conteúdos feitos por e para mulheres negras.

De acordo com Margarida Kunsch, “na prática, as Relações Públicas buscam criar e assegurar reações confiantes ou formas de credibilidade entre uma organização social e os públicos com as quais se relaciona” (1995 p. 38). Dessa forma, para o campo das Relações Públicas, a gestão de comunicação nas redes sociais não só favoreceu a criação de estratégias de comunicação mais eficazes, como também possibilitou uma relação mais próxima e direta entre as instituições e seus públicos, características centrais do exercício da profissão.

METODOLOGIA

Este artigo realiza uma pesquisa exploratória, que, segundo Gil (2008), visa esclarecer conceitos e formular problemas para estudos futuros, com menor rigor no planejamento e foco em revisão bibliográfica, sem exigência de entrevistas ou métodos quantitativos. O objeto de análise é o perfil do Instagram da Marcha das Mulheres Negras 2025 (@marchadasmulheresnegras2025), no período de janeiro a junho de 2025, com o objetivo de compreender o uso inicial de estratégias de comunicação digital.

ANÁLISE DOS DADOS

1.1 As estratégias de Relações Públicas na Marcha das Mulheres Negras 2025.

O Instagram tornou-se uma ferramenta essencial para a comunicação de instituições. Mais que rede social, é um canal direto, visual e altamente engajador. Sua presença digital contribui para construir relevância, conexão, reputação e fortalecimento de marca, além de facilitar o acesso aos hábitos de consumo e ao relacionamento com o público.

O perfil @marchadasmulheresnegras2025, criado em agosto de 2024, conta com 9.028 seguidores, 487 publicações e segue 129 contas (acesso em 21 junho de 2025). Sua relevância está no fortalecimento da identidade coletiva e na conexão com movimentos e lideranças no Brasil e no mundo. A comunicação acessível amplia o diálogo com diferentes públicos e rompe bolhas. Contudo, o número de seguidores do canal ainda é baixo frente ao público esperado de adesão à Marcha e ao alcance de grupos apoiadores, como por exemplo o Instituto Odara, um dos núcleos de articulação em Salvador, com cerca de 20 mil seguidores, o que levanta questões sobre a conversão de seguidores em quase um ano de atuação.

A média de curtidas por publicação varia entre 100 e 300, considerando fotos, vídeos, cards estáticos e carrosséis, todos voltados à divulgação das ações dos grupos e ao fortalecimento da MMN. O Instagram oferece recursos que permitem colaborações estratégicas com comitês regionais e instituições apoiadoras, aumentando o alcance das mensagens. Um exemplo foi a publicação em parceria com os perfis Revista Afirmativa (@revistaafirmativa), Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (@amnboficial), Instituto Odara (@odrarainstituto), Mulheres Negras Decidem (@mulheresnegrasdecidem) e a Rede de Mulheres Negras do Nordeste (@redemulheresnegrasnordeste), que obteve 6.104 curtidas e 156 comentários sobre a indicação de Vera Lúcia Araújo como primeira mulher negra titular no TSE, evidenciando o papel das colaborações e da abordagem de pautas latentes para o engajamento da página.

As legendas das publicações cumprem função estratégica no posicionamento do perfil, ao sintetizar e contextualizar os acontecimentos, articulando-os ao lema da Marcha e reforçando a potência das mulheres negras e dos grupos envolvidos. Além disso, as palavras de ordem presentes nas legendas estimulam o sentimento de pertencimento à luta e incentivam a interação do público por meio dos comentários, que variam entre 5 e 20 por publicação.

A Marcha não constitui um evento isolado, mas sim parte de uma série de atividades e mobilizações promovidas pelas mulheres do movimento ao longo de todo o ano. A convocação das mulheres e divulgação de atividades relativas à Marcha, como encontros regionais, estaduais e municipais, webinários, eventos para arrecadação financeira, entre outros, têm sido realizadas, prioritariamente, por meio de publicações periódicas no *feed* e compartilhadas nos *stories*, além das atividades presenciais que não são objeto deste artigo.

Dentre as campanhas virtuais, o uso das hashtags #MarchaDasMulheresNegras2025 e #PorReparaçãoEBemViver, é um marcador que unifica o propósito da marcha em todas as outras redes sociais em que é citada, como no Twitter, TikTok e YouTube.

O Instagram da Marcha apresenta média de 1 mil a 3,5 mil visualizações em seus vídeos (*reels*), com destaque para aqueles que registram falas de mulheres negras durante os encontros. O vídeo mais visualizado da página é um chamamento de Jurema Werneck, diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil, e ativista do movimento de mulheres negras, com aproximadamente 23,7 mil visualizações e 1.995 curtidas. O segundo mais visto é uma convocação da ativista afro-americana Angela Davis, ambos os vídeos reforçam a relevância nacional e internacional da Marcha.

Com boa taxa de engajamento geral, os conteúdos em vídeo apresentam desempenho superior aos materiais estáticos e às fotos, sobretudo em razão do funcionamento do algoritmo da plataforma. Destaca-se, contudo, o cuidado com a estética visual da página em todas as postagens, com a adoção de uma identidade que valoriza a cultura afro-brasileira e latina com uma paleta de cores quentes, onde predominam os tons de marrom, vermelho, laranja, verde e azul, que remetem à ancestralidade, à natureza e à força das lutas negras

As fotos e os vídeos buscam sempre trazer a representação de mulheres negras. As fotos em sua maioria, são feitas com uma bandeira estampada com logo a Marcha, e os vídeos são editados com uma moldura de grafismos pertencentes a identidade visual, na qual é composta por símbolos que lembram *adinkras* (símbolos ideográficos pertencentes aos povos Akan da África Ocidental que representam sabedoria e valores), reforçando a ligação com a cultura africana com um conceito afro-diaspórico, que também são usados abundantemente nos designs.

Ademais, o perfil funciona como uma espécie de arquivo público e afetivo da luta, com imagens, relatos, vídeos e depoimentos que documentam a trajetória da Marcha das Mulheres Negras de 2025..

CONCLUSÕES

O perfil da 2ª Marcha das Mulheres Negras 2025 no Instagram se configura como uma importante ação de midiativismo, ao atuar como ferramenta estratégica de mobilização e articulação política. Do ponto de vista das Relações Públicas, ao atuar como canal direto de

comunicação, mobilização e fortalecimento da imagem pública do movimento, a presença digital amplifica a visibilidade, permite a construção e gestão do relacionamento com os públicos de interesse, potencializando o alcance das mensagens e das pautas defendidas, promovendo um senso de pertencimento e a legitimação social da Marcha enquanto agente de transformação coletiva.

Trata-se de uma expressão contemporânea da luta do feminismo negro, agora ampliada pela centralidade das pautas da Reparação e do Bem Viver. As publicações evidenciam os elementos de interseccionalidade que marcam o movimento, ao reunir e dar visibilidade a mulheres negras de diferentes origens e trajetórias como mulheres quilombolas, evangélicas, de terreiro, estudantes, educadoras, comunicadoras, e de diversos outros segmentos, fortalecendo a diversidade e a potência coletiva da Marcha.

REFERÊNCIAS

- 2ª Marcha Nacional, em Brasília. **Brasil de Fato**, 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/03/25/mulheres-negras-da-paraiba-se-mobilizam-para-a-2a-marcha-nacional-em-brasilia/>. Acesso em: 13 maio 2025.
- A Carta das Mulheres Negras 2015. **Portal Geledés**, novembro de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 12 maio 2025.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 57 p.: il.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados (USP)**, v. 17, n. 49, 2003.
- CASSIANO, Railda Barbosa. **Negras Cabeças**: o midiativismo nas obras de Íldima Lima. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 47., 2024, Manaus. São Paulo: Intercom, 2024. p. 9. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06262024150924667c5954597ee.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). CONAQ lança Comitê Quilombola da Marcha das Mulheres Negras 2025. **CONAQ**. Disponível em: <https://conaq.org.br/conaq-lanca-comite-quilombola-da-marcha-das-mulheres-negras-2025/>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- Comitê Impulsor Nacional da Marcha das Mulheres Negras. Manifesto da Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o racismo e a violência e pelo bem viver. 2015. **Sindicato dos Metalúrgicos**. Disponível em: <https://metalurgicos.org.br/noticias/manifesto-da-marcha-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10, v. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.

DANTAS, Glenda. **Conectadas e engajadas: o papel das mulheres negras no ativismo digital.**

IRIS-BH, 12 ago. 2024. Disponível em:

<https://irisbh.com.br/o-papel-das-mulheres-negras-no-ativismo-digital/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FREITAS, Ricardo. **Midiativismo na Bahia:** o caso do cinema de brodagem afroindígena e a rede de jovens de axé. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 399-415.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **A comunicação integrada nas organizações modernas:**

avanços e perspectivas no Brasil. Cadernos UFS Comunicação, v. 1, n. 1, p. 15-23, 1995. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/acervo-local/producao-academica/000891265.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

Marcha das Mulheres Negras. **Marcha das Mulheres Negras.** Disponível em:

<https://marchadasmulheresnegras.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Março de Lutas: Mulheres Negras do Brasil lançam agenda com 167 atividades no Março de Lutas.

2025. **Marcha das Mulheres Negras.** Disponível em:

<https://marchadasmulheresnegras.com.br/wp-content/uploads/2025/03/Marco-de-Lutas-PDF-SITE.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Relações Públicas nos movimentos sociais e comunidades:**

princípios, estratégias e atividades. II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação

Organizacional, II Abrapcorp, realizado de 28 a 30 de abril de 2008 na PUC-Minas, Belo Horizonte, MG.

Rede de Mulheres Negras do Paraná (RMNPR). A segunda marcha e o legado de 2015: o que está em jogo. 2025. **Marcha das Mulheres Negras.** Disponível em:

<https://rmnpr.org.br/noticia/91/ii-marcha-das-mulheres-negras-2025-por-reparacao-e-bem-viver/marcha-das-mulheres-negras-2025>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, Tarcízio. O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural. Entrevista concedida a Daiane Batista. **Fiocruz**, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br>. Acesso em: 22 jun. 2025.